

JÉSSICA SALOMÃO RODRIGUES

RELAÇÃO PROFESSOR x ALUNO COM TDAH: um estudo de caso

MARINGÁ

2014

JÉSSICA SALOMÃO RODRIGUES

RELAÇÃO PROFESSOR x ALUNO COM TDAH: um estudo de caso

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como parte da exigência para a conclusão do curso em Pedagogia, sob orientação da Prof^a Dra Celma Regina Borghi Rodriguero.

MARINGÁ

2014

JÉSSICA SALOMÃO RODRIGUES

A RELAÇÃO PROFESSOR x ALUNO COM TDAH: um estudo de caso

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagoga, sob orientação da Professora Doutora Celma Regina Borghi Rodriguero.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra Celma Regina Borghi Rodriguero.
(Universidade Estadual de Maringá)

Profª Dra Solange Franci Raimundo Yaegashi
(Universidade Estadual de Maringá)

Profª Dra Tânia dos Santos Alvarez da Silva
(Universidade Estadual de Maringá)

DEDICATÓRIA

A todas as professoras que têm alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade/TDAH e buscam de todas as formas, contribuir para o melhor aprendizado dos mesmos.

AGRADECIMENTOS

Durante toda a graduação e na produção desse artigo estiveram ao meu lado pessoas maravilhosas, pessoas que sempre estiveram me apoiando. A realização de uma graduação não é uma tarefa fácil, exige muito esforço, vontade e persistência. Esses quatro anos foram uma longa caminhada na qual adquiri muito conhecimento, embora saiba não seja o suficiente e perceba que há ainda, muito que aprender. Para que eu pudesse chegar ao fim de minha graduação contei com a compreensão de quem está e esteve comigo sempre, por isso agradeço de coração;

A Deus pois sem ele nada seria possível;

Ao meu sobrinho que hoje é meu anjo Arthur e sei que está olhando por mim todos os dias lá do céu, pois mesmo invisível aos meus olhos, mesmo sem ouvir o som de sua voz, sem poder tocar suas mãozinhas, meu coração jamais deixou de sentir sua presença, todos os dias em minha vida;

À minha família, em especial minha querida mãe Cleide que sempre esteve ao meu lado, não me deixando sozinha nem nas madrugadas enquanto fazia trabalhos.

Aos meus irmãos Juliana e Junior que sempre me deram força para iniciar uma graduação, incentivando e acreditando em minha capacidade.

Aos meus amigos verdadeiros, que em todos os momentos que precisei de um ombro amigo sempre estiveram ao meu lado incentivando-me a seguir em frente para a realização do meu sonho;

A todos os professores que tive em minha vida acadêmica, que me transmitiram seus saberes cada um de sua forma, mas que me ajudaram a chegar à realização de um sonho, ser professora;

À professora e orientadora Celma Regina, que tive o prazer de conhecer logo no início da graduação, pessoa por quem tenho uma imensa gratidão e que me guiou para a realização desse artigo, a ela meu sincero obrigado;

Às professoras que disponibilizaram suas horas atividades para contar-me sobre sua trajetória e seu dia-a-dia com seus alunos TDAH tornando possível esse artigo;

E a você que lê esse artigo.

RELAÇÃO PROFESSOR x ALUNO COM TDAH: um estudo de caso

Jéssica Salomão Rodrigues¹
Celma Regina Borghi Rodriguero²

RESUMO

Este estudo teve como tema a relação professor aluno com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade no processo de ensino e aprendizagem do Ensino Fundamental I, faixa etária de 6 a 10 anos. Como finalidade, verificar como é a relação do professor com o aluno TDAH, ou seja, se algo se modifica quando se tem em sala de aula a presença de um aluno com essa característica. Além disso, verificar a prática pedagógica do professor, o que este leva em conta na hora de organizar e aplicar as atividades planejadas para o aluno com TDAH e para os demais alunos da classe. O TDAH vem sendo diagnosticado em muitas crianças e muitos professores estão recebendo essas crianças em sala de aula e não sabem como lidar de forma adequada com as mesmas. Este estudo justifica-se por possibilitar uma melhor compreensão do ponto de vista do professor e a verificação do que falta para que os professores possam melhorar em seu trabalho visando melhor rendimento de seu aluno com TDAH. Trata-se de uma pesquisa de campo e, os dados coletados por meio de um questionário com dez questões, foram organizados e posteriormente analisados qualitativamente. Enfim, buscou-se com a pesquisa compreender o Transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade tanto na prática como na teoria, cujos resultados possibilitaram a compreensão das formas de atendimento que estas crianças vêm tendo na escola e até que ponto a escola tem contribuído para a formação das mesmas.

Palavras-chave: TDAH. Professor. Aluno. Prática Pedagógica.

THE RELATION WITH STUDENT TEACHER x ADAH: a case study

Abstract: This study has as its theme the student teacher ratio with ADHD in the teaching and learning of elementary school, age 6-10 year process. The purpose was to determine how the relationship with the student teacher ADHD, ie, if something changes when the presence of this characteristic with a student in the classroom. Also, check the teacher's pedagogic practice, which takes this into account when organizing and implementing the planned activities for the student with ADHD and the other students in the class. ADHD has been diagnosed in many children and teachers are getting these children in the classroom and not know how to deal appropriately with these children. This study is justified because it allows a better understanding of the point of view of the teacher and the check is missing for teachers to improve in your work and the performance of their students with ADHD. Already collected data were organized and subsequently analyzed qualitatively.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: jhe.salomao@hotmail.com

² Prof.^a Dr.^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM. E-mail: crbrodriguero@uem.br

Finally we sought to understand the research Deficit Disorder attention deficit hyperactivity disorder both in practice and in theory, providing an insight into the form of care that these children are having in school and the extent to which the school has contributed to the training of these children.

Keywords: ADHD. Teacher. Student. Pedagogical Practice.

Introdução

O presente estudo tem como tema a relação do professor com o aluno com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), especialmente os alunos da faixa etária de 6 a 10 anos de idade (Ensino Fundamental I), por meio de uma pesquisa de campo com professores que atendam a esse público. Como objetivo geral, refletir sobre os aspectos principais da relação entre professor e aluno com TDAH, como objetivos específicos verificar como o professor direciona sua aula tendo um aluno com TDAH; especificar o que modifica em sala de aula ter um aluno com TDAH e verificar como é o convívio em sala de aula.

O estudo justifica-se pela possibilidade de oportunizar uma melhor compreensão do que existe e do que falta para que os professores possam melhorar em seu trabalho e o rendimento do aluno com TDAH. Entende-se, portanto, que esta reflexão permitirá repensar o que poderia se aprender com professores que têm alunos com TDAH e se estes estão contribuindo para o acesso de seus alunos ao conhecimento. Trata-se de uma pesquisa de campo e, os dados coletados, foram organizados e posteriormente analisados qualitativamente.

Para melhor organização do trabalho, num primeiro momento apresentaremos o conceito e caracterização do TDAH, destacando o momento em que se iniciaram as especulações sobre o transtorno e a realização de diagnósticos de crianças com TDAH. E, a partir dessa contextualização, verificar se essas crianças eram rotuladas antes do diagnóstico, como eram vistas pelo professor, considerando que, já no início do século XIX havia uma preocupação com as crianças que eram tidas como: agressivas, desafiadoras, com dificuldade de seguir regras e principalmente “mal educadas”. Conforme destaca Belli (2008, p. 17),

Pais e profissionais da educação e, principalmente, os psicopedagogos, precisam buscar informações sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e compreendê-las para

melhorar o relacionamento e cuidado da família e da escola em melhorar relação e adolescentes portadores desse transtorno.

Num segundo momento buscaremos compreender de que maneira o professor deve agir com seu aluno com TDAH e a relação estabelecida entre ambos. E, além disso, como o professor poderia contribuir com a aprendizagem de seu aluno ou o que deve colocar na rotina de sala de aula, ou seja, as diferentes formas de atendimento ao aluno TDAH.

Num terceiro momento apresentaremos os resultados e a discussão da pesquisa de campo realizada em uma escola do município de Maringá/PR, visando conhecer a prática do professor em sala de aula com um aluno com TDAH, seu relacionamento com esse aluno, a metodologia utilizada com esse aluno, verificando como é o convívio em sala com o aluno com TDAH.

1. Definindo o TDAH

De acordo com o que vivemos no cotidiano, quando pensamos em criança, logo nos vem à mente muita agitação, conversas, correria, brincadeiras e muita atenção com elas, mas o que vem preocupando pais e professores são muitas crianças sendo diagnosticadas com TDAH e os mesmos, não sabem como lidar com essas crianças.

Segundo Cypel (2007), é difícil precisar quando a literatura passou a determinar as manifestações de desatenção e hiperatividade como condições particulares ao indivíduo. Essas crianças por volta da década de 1930 eram encontradas em nossa sociedade e consideradas como “anormais”. Havia a preocupação, mas não sabiam exatamente como lidar com essas crianças. Acreditamos que até hoje muitas pessoas continuam não sabendo como lidar, principalmente pais e professores.

Mesmo com pesquisas iniciadas no século XIX somente em 1994, começa a ocorrer um aprofundamento nas mesmas, contudo Silva (2003 p.208) afirma que:

No Brasil essa evolução é um tanto desanimadora. Neste exato momento, milhares de pessoas, entre crianças, adolescentes e adultos, passam por inúmeros desconfortos pessoais e/ou sociais em função de seus problemas na área de atenção e do controle de seus impulsos e hiperatividade física e/ou mental .

Conforme destaca Silva (2003, p.12), o TDAH é caracterizado principalmente por três sintomas: “[...] desatenção, impulsividade e hiperatividade física e mental”. Tal caracterização promove situações nas quais professores sem o conhecimento sobre o transtorno acabam por rotular o aluno como: desatento, mal educado, sem atenção, explosivo, ardeiro, entre outros. Nestes termos podemos perguntar: o que poderia ser feito para que os professores não os vissem dessa forma? Entendemos que o professor que tenha conhecimento sobre o distúrbio, mesmo que esse não seja vasto, poderá notar algo de diferente com o aluno e procurar ajuda e maiores informações, buscando melhor conduzir a situação. No entanto, nos deparamos com muitos professores que ainda não tem conhecimento sobre o assunto, o que pode ocorrer por diversos fatores, dentre os quais possíveis lacunas na formação.

O TDAH tem sido estudado por diversos pesquisadores e Kaefer (2006) destaca que o interesse em entender a neuropsicologia dos transtornos de Déficit de Atenção/hiperatividade se faz presente desde a primeira metade do século XX. Ou seja, muitos estudos feitos em crianças da época que apresentavam comportamentos diferentes das demais, as diagnosticavam com o “Cérebro Danificado ou Lesionado”. De acordo com Gusmão (2009), várias denominações foram dadas, dentre as quais: “Disfunção Cerebral Mínima”; “Lesão Cerebral Mínima”; “Reação Hiperkinética da Infância”; “Síndrome da Criança Hiperativa”; e, “Síndrome do Déficit de Atenção”.

Com o passar do tempo as preocupações com o transtorno começaram a aumentar e as pesquisas continuaram. Várias modificações nas denominações foram ocorrendo conforme Cypel (2007), a partir de 1980 o termo é alterado para “Distúrbio de Déficit de Atenção” e, em 1987 a denominação é alterada para “Distúrbio de Hiperatividade com Déficit de atenção”. As mudanças na terminologia podem representar a preocupação por um diagnóstico e um tratamento que pudesse ser eficaz. Em 1994 segundo Rotta (2006), o transtorno passa a ser denominado Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Desde então não houve mais alterações quanto à denominação.

Neste sentido, esses comportamentos vistos como diferentes, estariam vinculados à impulsividade, à desatenção e ao excesso de energia. Assim, por volta de 1917 e 1918 conforme descreve Barkley (2002, p.18), essas crianças eram:

Afastadas da própria família e recebiam tratamento e educação em entidades que se diferenciavam das instituições escolares. A gravidade do quadro delineava um prognóstico desfavorável, sem muitas perspectivas de melhora. Algumas entidades, no entanto, relataram conquistas alcançadas pelas crianças nos casos de maior supervisão e adoção de programas de modificação de comportamento.

Com o afastamento das crianças, segundo Bonadio e Mori (2013), os estudos se ampliaram e os pesquisadores começaram a investigar as possíveis causas de uma lesão cerebral e como esta se manifestava no corpo da criança (impulsividade, desatenção e a hiperatividade).

Ainda de acordo com as autoras, a Segunda Guerra Mundial favoreceu as pesquisas nessa área por decorrência do grande número de vítimas, momento em que muitos pesquisadores se dedicaram ao estudo das sequelas decorrentes da guerra, obtendo-se com essas pesquisas, a comprovação de que qualquer lesão poderia ocasionar os comportamentos típicos de um TDAH, quais sejam, a desatenção, a impulsividade e a hiperatividade. Bonadio e Mori (2013, p.29) evidenciam ainda que a partir desse levantamento, muitas recomendações foram realizadas no âmbito educacional,

[...] Segundo os estudos, a constituição de um espaço adequado para alunos que se distraíam com facilidade exigia a organização de um ambiente com pouco estímulo e o não uso de jóias e de roupas coloridas pelo professor.

Sendo assim, a intenção era melhorar a atenção desses alunos na medida do possível, não deixando que nada chamasse mais atenção do que a própria aula dada. Nesta linha de pensamento, o TDAH é caracterizado por sintomas ligados ao comportamento do indivíduo, bem como uma alteração na atenção, na concentração, na impulsividade e agilidade da atividade física e mental. Para Olivier (2011), também pode ser definido como um transtorno multifatorial associado a fatores ambientais e genéticos.

Silva (2003) por sua vez, afirma que “[...] tudo na criança TDAH parece estar a mais. Ela é a mais agitada, mais bagunceira, e mais impulsiva, se for do tipo de

alta atividade. E, ainda significativamente mais distraída, dispersa e não perseverante se for do tipo aquele mais desatento.” Portanto, essas crianças apresentam comportamentos diferentes das demais crianças, mas para fazer esse diagnóstico não é fácil, pois uma criança pode ser ativa, sem limites e esse comportamento pode ocasionar um equívoco levando-a a ser confundida com uma criança com TDAH, mesmo que não seja, são muitos os equívocos no diagnóstico por TDAH. Deve-se levar em conta a hiperatividade nesse transtorno, que pode ocorrer de forma exagerada. Oliver (2011) destaca que a criança torna-se agitada, irritada, impaciente para brincar, inclusive quebrando constantemente seus brinquedos, muito chorona e com o sono irregular.

Belli (2008) acrescenta que as crianças com TDAH são impulsivas, agem sem pensar, fazem o que vem à cabeça, sem se preocuparem com as consequências. Por outro lado, são muito criativos, inventam situações inesperadas e inusitadas. Ou seja, as crianças com TDAH têm suas características bem explícitas. A autora explica ainda que as crianças com TDAH têm muitas coisas em comum, mas não são necessariamente iguais em seu comportamento, algumas podem apresentar determinados sintomas enquanto outras não.

As crianças com TDAH sofrem muito com o transtorno, pois muitas vezes, as pessoas com as quais convivem não identificam esse transtorno, principalmente quando são menores e os indícios começam a aparecer. Conforme Mattos (2005, p.67- 60):

Ter TDAH significa ter sempre que se desculpar por ter quebrado algo, mexido em algo que não deveria, por fazer comentários fora de hora, por não ter sido suficientemente organizado, por esquecer as coisas, por perder objetos importantes, por furar a fila. Significa estar sempre nervoso pela a nota, ter que abrir mão o tempo todo de lazer para concluir tarefas escolares (nada consegue ser terminado no tempo previamente planejado, que chateação!) e dizer coisas das quais se arrepende. Ou seja, significa ser responsabilizado por coisas sobre as quais na verdade se tem pouco controle! Torna-se inevitável a sensação do sujeito meio inadequado.

Deste modo a criança com TDAH, sempre terá um sentimento de culpa, pois, por mais que tente, quase tudo que tenta fazer fica sem conclusão, deixando-a com a autoestima rebaixada, podendo inclusive gerar outros transtornos. Phelan (2005) citado por Cordeiro (2008, p. 16) apresenta um estatística do quadro:

TDAH com distúrbio de conduta ocorre em média entre 30% a 50% dos casos, o TDAH com depressão que se manifesta entre 15% e 20% dos casos, o TDAH com ansiedade comum em 25% dos casos, o TDAH com distúrbios de aprendizagem presente entre 10% e 25% casos, o TDAH com agitação ou mania em 25% dos casos, o TDAH com estímulos fortes, O TDAH com características de personalidade Limítrofe, e o TDAH com o abuso de substâncias que ocorre entre 9% e 40% dos casos.

Neste contexto, a criança com TDAH desde muito cedo sofre repressões, castigos e críticas o que pode levá-la a desenvolver outros transtornos e formar um baixo conceito de si mesma, “não sou bom”, “não tenho capacidade”, “faço tudo errado”. Silva (2003 p.162) salienta que “[...] a depressão pode-se desenvolver de forma secundária ao desconforto provocado pelo o comportamento [...]” isto é, por conta de tudo que ele passa outros transtornos vem se desenvolvendo no indivíduo.

Ainda de acordo com Silva (2003, p.65) “[...] a criança TDAH faz primeiro, pensa depois. Reage irrefletidamente à maioria dos estímulos que se apresentam. Não porque seja mal educada, imatura ou pouco dotada intelectualmente. [...]”. Isto é, ocorre algo além e que, vem sendo estudado, ou seja, uma parte de nosso cérebro o córtex pré - frontal que na criança TDAH não funciona da mesma forma que nas demais crianças. De acordo com Luria (2006, p. 223) o córtex pré-frontal é uma parte fundamental na consciência humana e conforme destaca o autor,

Um papel mais importante na formação da atividade consciente é representado pelos lobos frontais. Com sua íntima participação na formação das intenções e nos programas de ação subordinando a atividade aos focos dominantes, inibindo os fatores intervenientes e permitindo que os resultados das ações sejam comparados às intenções originais, os lobos frontais desempenham um papel essencial na regulamentação consciente do comportamento e no asseguramento da estável seletividade da atividade do homem, que é dirigida por um objetivo.

Deste modo, o córtex pré-frontal é responsável pelo autocontrole, agindo em nossas ações e atitudes. Silva (2003) por sua vez afirma que, não se trata da criança com TDAH ser mal educada ou imatura, mas do córtex pré-frontal da criança com TDAH não ser muito eficiente. Destaca ainda que é no córtex pré-frontal que se cruzam os sistemas neurais responsáveis pela razão e pela emoção. Nesta perspectiva, Rotta (2006) citado por Cordeiro (2008, p. 15) explica como funciona o cérebro de uma pessoa com TDAH e as interferências que esse transtorno possibilita:

[...] a presença de disfunção em uma área frontal do cérebro conhecida como região orbital frontal localizado logo atrás da testa. Constitui-se uma das regiões cerebrais mais desenvolvidas no ser humano e é responsável pela inibição de comportamentos, pelo controle da atenção, pelo planejamento futuro e pelo autocontrole. Nos sujeitos que apresentam sintomas de TDAH, há uma alteração no funcionamento dos neurotransmissores, substâncias que permitem a comunicação entre os neurônios. A causa mais aceita no momento é uma vulnerabilidade herdada do transtorno, que irá se manifestar de acordo com as interações e condições do ambiente físico, afetivo, social e cultural.

Sendo assim, a criança com TDAH apresenta-se como um indivíduo desatento e com essa disfunção sua atenção não é a mesma que a das demais crianças. Com isso seu desempenho escolar também fica prejudicado, criando-se assim, uma dificuldade na aprendizagem. É fato que nem todas as crianças terão as mesmas dificuldades, nas mesmas disciplinas. Os indivíduos com TDAH segundo Belli (2008, p.34), “[...] Não param, olham, ouvem, e pensam antes de responder [...] ou seja, ficar em uma sala de aula por quatro horas sentado seria algo que para o TDAH é muito difícil”.

No tópico a seguir refletiremos sobre as formas de atendimento dispensadas pelo professor ao aluno com TDAH em sala de aula, sua postura e encaminhamentos no sentido de contribuir para a formação desse aluno.

2. Diferentes formas de atendimento ao TDAH

No dia-a-dia de uma sala de aula há diferentes formas de atendimento ao aluno, cada professor tem sua conduta e metodologias nas quais, fundamenta-se, para desenvolver as atividades pedagógicas. Muitos professores planejam suas aulas, tem um roteiro a seguir e o professor que tem em sua sala de aula um aluno com TDAH tem que buscar estratégias pedagógicas que atendam às necessidades desse aluno e aplicá-las em sua prática pedagógica.

Neste sentido, ser professor requer, além da formação, compromisso e dedicação, pois não é uma tarefa simples. Vários pesquisadores vêm dedicando-se a reflexões que apontem a forma mais adequada de lidar com o aluno com TDAH

em sala de aula visando o aprendizado do mesmo. Conforme Mattos (2005 p. 105) para um melhor aprendizado de um aluno com TDAH, o professor deve:

[...] Manter uma rotina constante e previsível: uma criança TDAH requer um meio estruturado que tenha regras claramente estabelecidas e que estabeleça limites ao seu comportamento (pois ela tem dificuldades de gerar sozinha essa estruturação e esse controle). Evite mudar horários o tempo todo, “trocar as regras do jogo” no que diz respeito às avaliações (uma hora vale uma coisa, outra hora outra).

Nestes termos, os professores precisam, desde o início, estabelecer regras com seus alunos e aplicá-las visando alcançar êxito junto ao aluno com TDAH, uma vez que, as regras poderão facilitar o processo de ensino. Seria interessante ainda, o professor estabelecer essas regras no coletivo, construí-las junto com os alunos para que percebam a importância das mesmas para a boa convivência da turma. O aluno com TDAH, conforme destaca Mattos (2005) não lida bem com mudanças o tempo todo, portanto, é interessante que o professor mantenha uma rotina evitando mudanças constantes ou inesperadas.

É importante que os pais e/ou educadores e professores sejam compreensivos e aprendam a enxergar o lado divertido dessas características, ajudando a criança a se concentrar no assunto em questão sem que ela se sinta inadequada. (SILVA, 2003, p.64)

Todo professor tem uma conduta a ser seguida na sala de aula, uma rotina, um planejamento, e o objetivo desta pesquisa foi, justamente verificar como é feito esse planejamento quando há um aluno com TDAH na sala de aula. Será que a presença desse aluno modifica a rotina da sala ou tudo continua da mesma forma? Caso haja modificação na realização do trabalho, em qual aspecto específico ocorre a mudança?

Quando estamos em sala de aula em situações de estágio, por exemplo, podemos observar que o professor estabelece várias regras para o grupo de alunos. A questão é: será que essas regras valem também para o aluno com TDAH? As regras são difíceis de serem executadas com os alunos que não têm, será que também são com o aluno com de TDAH? Neste sentido Cordeiro (2011, p.17) assinala que:

A vivência do aluno num ambiente familiar é muito importante, pois se reflete diretamente em seu desempenho escolar. Se em casa os pais têm dificuldade em estabelecer normas de conduta, isso pode

contribuir para aumento dos comportamentos inadequados das crianças, principalmente as que possuem TDAH, pois elas não terão bases para se nortear, nem consciência sobre a noção de limite e, por isso, não saberão respeitá-lo em ambiente escolar.

Segundo Belli (2008, p.54) o professor antes de tudo deve “[...] ser otimista, solícito e compreensivo”. Ou seja, o professor tem que saber respeitar as características de seu aluno para que consiga obter resultados satisfatórios de seu aluno com TDAH. O autor afirma também que o professor deve considerar-se “[...] uma pessoa ativa e confiante e ante o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade de seu aluno esteja pronto para ajudá-lo releve sua impulsividade e coloque-se na posição de alerta e atenção a suas ações”. Essa conduta do professor é importante uma vez que, como afirma Mattos (2005, p. 166),

Todos os sujeitos com TDAH têm facilidade de desviar-se de uma tarefa provocado por algum outro estímulo, porém são capazes de prestar atenção por longo tempo em situações que envolvam novidades, alto valor de interesse pessoal, intimidação ou se ficarem a sós com um adulto; é o que chamamos de hiperfoco.

Desse modo, o professor deve utilizar-se de todos os recursos para fazer com que seu aluno aprenda, dos acordos, por exemplo. Segundo BELLI (2008, p.64) o professor deve “[...] informar-se sobre o transtorno e se atualizar frequentemente, ler livros, artigos e manter-se em diálogo constante com os profissionais de saúde especializados no assunto.”

O aluno com TDAH passa por dificuldades de aprendizagem e o professor precisa saber lidar com essas dificuldades, além de procurar a melhor maneira de atender o aluno, por meio de pesquisas, leituras de autores que estudam o transtorno, pois a cada dia, nos defrontamos com um maior número de alunos diagnosticados com TDAH, o que acaba exigindo do professor uma formação que lhe permita lidar com a desatenção, se acostume com a necessidade de explicar várias vezes o mesmo conteúdo, até que o aluno compreenda, além de lidar com a impulsividade, com os comportamentos oscilando entre a tranquilidade e a agressividade. Conforme Silva (2003, p. 81) cabe ao professor as seguintes regras:

[...] sempre elogie o aluno quando ele conseguir se comportar bem ou realizar uma tarefa difícil. É melhor do que puni-lo seguidas vezes e ele sair dos trilhos. Nestes casos, estimule-o a compensar os erros que cometeu. Se ele desorganizou uma estante, por exemplo, incentive-o a organizá-la. Isso terá um triplo efeito: Mostrar ao aluno

qual é o comportamento correto, fazer se sentir útil e, conseqüentemente, diminuir sua frustração com o erro.

Muitas vezes o professor percebe no aluno características do TDAH, no entanto, não cabe a ele fazer nenhum diagnóstico, mas como ressalta Silva (2003, p.80) “[...] caso perceba sintomas característicos em algum aluno, oriente a família a procurar ajuda. Quanto antes o tratamento médico e/ou psicoterápico for iniciado, menos dificuldade ele terá em sua vida escolar que refletirão na sua vida adulta”. É importante também como salienta Rohde (2000) que assim que essa criança for matriculada, a primeira providência que a escola deve tomar é colocá-lo em uma sala que tenha a menor quantidade de alunos. Isso pode facilitar o trabalho do professor, tendo em vista que esse aluno exige maior atenção e, por outro lado, pode possibilitar um maior rendimento do aluno.

Como uma das características do TDAH é a desatenção e são muitas as dúvidas sobre o que e como fazer diante de tal situação, Bonadio e Mori (2013) destacam que o professor deve assumir o papel de organizador, não só do conteúdo escolar, mas de toda dinâmica da sala de aula. Ou seja, o professor tem que organizar sua sala de aula não apenas no que se refere aos conteúdos, mas também no que se refere ao atendimento às necessidades do aluno com TDAH. Para Silva (2003, p.81) “[...] o aluno TDAH deve se sentar perto do professor e de um colega afetivo e positivo. Longe da passagem de pessoas, janelas, amigos tagarelas e de coisas que possam distraí-lo [...]”.

Autores como Mattos (2005) destaca que quando se tem um aluno ainda não diagnosticado em sala de aula e o professor constata os indícios de um possível TDAH, ele deve junto com a pedagoga ou equipe pedagógica da escola fazer um relatório e encaminhar este aluno ao neurologista.

No que se refere às políticas públicas, conforme a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva o Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve ser ofertado nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) e/ou Centros de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) e o público alvo definido pela referida política inclui os alunos com deficiência, alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs) e alunos com Altas Habilidades/ Superdotação. Como, o TDAH integra o grupo dos

Transtornos Específicos, não está contemplado na referida política e os encaminhamentos nesse caso ficam na dependência do Estado e Municípios.

No Estado do Paraná, há o entendimento de que esse grupo de alunos necessita de complemento à escolarização e desta forma, a “[...] SUED/DEEIN oferta este apoio especializado em Sala de Recursos Multifuncionais [...]” sendo o referido atendimento normatizado pela Instrução 16/11– SEED/SUED – PR. Deste modo, os alunos do Estado do Paraná que apresentam TDAH têm acesso ao AEE na Sala de Recursos Multifuncionais.

Diante do exposto, e visando conhecer os encaminhamentos e a prática pedagógica desenvolvida junto aos alunos sob a ótica do professor, foi elaborado um questionário que foi aplicado a professores da rede pública do município de Maringá e a discussão dos resultados é apresentada na sequência.

3. Procedimentos metodológicos

Inicialmente entramos em contato com a Secretaria Municipal de Educação do município de Maringá e solicitamos a autorização para a realização da pesquisa. Recebemos a autorização da responsável, após o envio do projeto de pesquisa ao setor e com a condição de que o professor da escola tivesse liberdade de aceitar ou não participar. Num primeiro momento marcamos um horário na escola escolhida e fizemos uma reunião com a diretora e a pedagoga da escola, quando foram disponibilizados os nomes dos professores e respectivas turmas, nas quais estavam matriculados alunos com TDAH, além do controle de hora atividade dos professores, visando a aplicação do questionário. Foi agendado e aplicado o questionário, de acordo com a disponibilidade dos professores.

4. Discussões e Resultados

Neste tópico apresentaremos a análise qualitativa dos dados coletados por meio de um questionário contendo dez questões, aplicado a cinco professores que ministram aula para alunos diagnosticados com TDAH, em uma escola municipal da cidade de Maringá. Os participantes são professores do 2º ao 5º ano do ensino fundamental I.

Destacamos no quadro 1 o nome fictício que as professoras e seus alunos receberam, com o objetivo de preservar a identidade dos mesmos. Constatamos ainda no quadro, o ano escolar em que os alunos estão matriculados.

Quadro 1: Professores com alunos com TDAH matriculados na turma

Nome	Turma	Nomes dos Alunos
Professora I	2º ANO	João Lucas
Professora II	3º ANO	Leonardo Samuel
Professora III	4º ANO	Carla
Professora IV	5º ANO	Davi José
Professora V	Ed. Física	Todos os alunos

Fonte: quadro elaborado pela pesquisadora.

Os dados obtidos foram analisados a partir de três categorias: Caracterização da prática; Prática pedagógica; e, Formação docente. Na sequência apresentamos as análises de acordo com as categorias estabelecidas:

4.1. Caracterização da Prática

Quadro 2: Caracterização dos professores participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Sexo	Formação-Graduação	Pós-graduação	Tempo na Função	Número de alunos em sala	Alunos com TDAH
Professora I	39	F	Pedagogia	Administração escolar.	20 anos	30	2
Professora II	45	F	Pedagogia	Literatura em língua portuguesa.	22 anos	27	2
Professora III	34	F	Pedagogia	Educação especial.	15 anos	23	1
Professora IV	41	F	Pedagogia	Educação especial.	21 anos	25	2
Professor V	30	M	Pedagogia	Atividade relacionada à saúde psicomotora.	8 anos	-	-

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

No que se refere à idade dos professores, constatou-se que varia entre 30 e 45 anos; quanto à formação, conforme demonstrado no quadro, todos têm graduação e pós-graduação; no que se refere ao número de alunos em sala, varia

de 23 a 30 alunos; e, o número de alunos que apresentam TDAH, varia entre um e dois alunos por sala.

Durante aplicação dos questionários os professores relataram a grande dificuldade que têm em relação à quantidade de alunos em sala de aula, pois todas acreditam não estar dando o atendimento necessário ao aluno com TDAH, principalmente em razão do número de alunos, além de não contarem com um auxiliar em sala, o que é disponibilizado apenas uma vez por semana.

No decorrer da pesquisa nos deparamos com um comentário da professora I, neste sentido, “[...] *É cansativo, não sei se dou aula ou cuidado dos alunos, os alunos com TDAH tento dar conta*”³. Essa fala lembra Mattos (2005, p.95), quando ao referir-se à atuação do professor, afirma:

[...] Ele terá que conseguir equilibrar as necessidades dos demais alunos com a dedicação que uma criança TDAH necessita o que pode ser difícil com uma turma numerosa. Turmas pequenas são preferíveis.

Portanto, os professores participantes da pesquisa, atendem turmas numerosas, sem auxiliares, aspecto que dificulta o atendimento. Outra fala chamou atenção, a da professora III “[...] *procuro fazer atendimento individualizado, recuperar aquilo que ela tem dificuldade, rever a atividade, até erros de cópia e peço para ela refazer, mas é difícil com tantos alunos*”. Ou seja, os dados demonstram que os professores sentem essa dificuldade em dar o apoio ou uma atenção maior ao aluno com TDAH devido à quantidade de alunos em sala de aula.

4.1.1 Prática pedagógica

O questionário incluiu questões que abordaram a prática pedagógica em sala de aula com um aluno com TDAH, se algo era alterado, o que era percebido na relação do professor com o aluno com TDAH com os demais alunos, como era a relação do professor com o aluno TDAH.

Todos os professores que responderam o questionário afirmaram que em seus planejamentos nada era alterado, tudo era igual para todos, exceto nas avaliações para as quais havia um olhar diferenciado na hora da correção, buscando levar em conta o esforço do aluno, além de fazer elogios a cada progresso do

³ A fala literal dos professores será apresentada entre aspas e em formato itálico.

mesmo principalmente em relação ao cumprimento das regras e comportamento. Como afirma Silva (2003, p.81) os elogios para o aluno com TDAH são importantes e a autora complementa: “[...] Sempre elogie o aluno quando ele se comportar, ou realizar tarefa difícil. É melhor do que puni-lo diversas vezes por ter saído dos trilhos”.

Nestes termos, a importância do elogio deve ser considerada nas salas de aula com os alunos com TDAH. É uma estratégia que na prática vem produzindo resultados positivos, o que foi ratificado pelo fato de quatro, dentre os cinco professores admitirem fazer elogios quando o aluno cumpre as regras e admitirem que a estratégia funciona.

Do exposto, verifica-se que grande parte dos professores participantes da pesquisa busca fazer acordos com seus alunos, mas reconhece que não é simples fazer com que os acordos sejam cumpridos. Por exemplo, a professora III relatou: *“Samuel fala sem parar é inquieto, toda hora perguntando se está de parabéns”*; A professora IV por sua vez relatou: *“Tem que estar medicado, pois se não tem que ficar chamando a atenção, Davi se perde o tempo todo, demora em fazer as atividades”*. Em Mattos (2005 p.96) encontramos uma referência que vem de encontro à fala dos professores quando descreveram as dificuldades que envolvem o atendimento ao aluno com TDAH:

O professor ideal tem mais “jogo de cintura” e criatividade para gerar uma variedade de alternativas, avaliando qual delas “funcionou é melhor” para aquela situação em particular. Ou seja, ele tem que ser capaz de modificar as estratégias de ensino, de modo adequá-las ao estilo de aprendizagem da criança.

Neste contexto, cada professor busca diferentes formas para expor os conteúdos visando obter a atenção do aluno, o que pudemos verificar por meio dos dados obtidos na aplicação do questionário: esforço do professor para melhorar sua aula; valorização do aspecto organizacional da sala de aula, por exemplo, lugar onde os alunos com TDAH sentam, na frente ou próximo à professora, para não se distraírem com frequência. A respeito disso, Mattos (2005 p.81) afirma “[...] se possível procure fazer com que o aluno TDAH sente-se longe da janela. A decoração não deve ser muito estimulante, mas também não pode ser uma coisa completamente sem graça [...]”. além disso, de acordo com os dados coletados, todos os professores procuram fazer cartazes com combinados.

Outro aspecto a ser considerado é o comportamento desses alunos em sala. Tivemos oportunidade de ouvir duas professoras, a III, que deu aula para o aluno Davi no ano passado (2013) sem que o mesmo estivesse fazendo uso da “Ritalina” e a professora IV, dando aula atualmente para o mesmo aluno com o uso do medicamento. O comportamento de Davi segundo a professora III, era totalmente agressivo sem o uso do medicamento: *“Ele chegava, ficava nervoso nas atividades, ele é inteligente, mas tinha que dar atenção o tempo todo para ele, senão ele batia em todo mundo e começava a dizer que estava com dor de cabeça”*. Segundo a mesma professora o aluno era muito difícil de lidar não tinha muitos amigos. Já a professora IV que está atendendo Davi esse ano (2014), relatou ter observado alguma melhora, mas ainda tem dia que Davi não quer realizar as atividades e apresenta muita dificuldade na compreensão dos conteúdos. Como Davi está em outro momento do processo de desenvolvimento e a mudança observada é pequena, não há dados para afirmar que a melhora se deva ao uso medicamento nem mesmo se houve alguma melhora.

Cypel (2007, p. 43) afirma que o comportamento dos alunos com TDAH nem sempre se apresenta de forma idêntica e sinaliza que:

As causas do TDAH, ainda estão em discussão visto que muitos fatores podem interferir e desencadear comportamentos desatentos, impulsivos, e/ou imperativos, os quais não se manifestarão de modo idêntico em todas as crianças.

Os professores participantes abordaram ainda a interação com sete crianças, afirmando que nenhuma delas tinha o comportamento igual, apenas semelhante e que, em alguns casos, totalmente diferente. Chamou a atenção o relato da professora IV, quando relatou que em sua sala de aula há dois alunos diagnosticados com TDAH, um é o Davi, que é uma criança de poucos amigos não se socializa, desrespeita as regras com frequência e o outro é José que é mais calmo, tem boa socialização, e se esforça para compreender o conteúdo. A professora finalizou dizendo: *“Vejo progresso no José desde o começo do ano até agora”*. Tal relato reitera o fato de que o comportamento de crianças com TDAH não é idêntico, mas apenas semelhante.

Durante o período de realização do questionário consideramos importante ouvir a fala do professor de educação física sobre os alunos com TDAH, por ser uma

aula da qual muitas das crianças gostam de participar. O mesmo relatou que os alunos são como os outros, demonstram agitação, mas ouvem sempre o que ele diz, o que percebe de diferente é que os alunos com TDAH, normalmente não admitem errar, e quando erram ficam nervosos, saem da atividade e começam a brincar sozinhos em outro local.

O professor comentou ainda sobre sua prática a qual vem buscando melhorar, levando para as aulas atividades prazerosas que acredita o aluno gostará de participar. Com relação à fala do professor, Silva (2003 p.83) sugere “[...] alterne os métodos de ensino, evite aulas repetitivas e monótonas. Aulas mais prazerosas, com doses de emoção e criatividade, despertam o interesse da criança TDAH, facilitando o aprendizado [...]”. Conduta que o professor vem demonstrando.

Ao abordar a questão da relação dos alunos com TDAH com os demais colegas de classe, dentre os cinco professores, apenas um relatou que um de seus alunos com TDAH não apresenta boa convivência em sala de aula, tem apenas uma amiga o que é creditado pelos professores ao fato da aluna ser nova na escola e ainda não o conhecer bem. Pensando nisso é interessante resgatar o pensamento de Silva (2003 p.71), quando explica tal situação:

A impulsividade dessa criança pode levá-la a falhas no desempenho desejável para a delicada tarefa de interagir socialmente. Em alguns momentos, pode atropelar a tarefa de interagir socialmente. Em alguns momentos, pode atropelar a atividade do grupinho com interrupções ou gestos bruscos, querer dominar as brincadeiras e impor regras, e insistir indelicadamente na continuidade da brincadeira sem se dar conta que seus coleguinhos já estão cansados. E em outros momentos pode parecer estranha, quando enoja rapidamente das brincadeiras e abandona um timinho já formado para fazer outras coisas, depois de ter insistido tanto para entrar. Ou então quando fala demais, as vezes sem pensar, ofende alguém ou deixa escapar algum segredo do coleguinha.

Deste modo, uma criança com TDAH, pela sua impulsividade acaba “colocando os pés pelas mãos”, ou seja, tem momentos nos quais o desejo de conquistar o amigo é tão intenso, que ela coloca tudo a perder e com isso, se decepciona e acaba se isolando. Como talvez seja o caso do aluno Davi, da turma da professora IV, que por conta da impulsividade, vem sempre cometendo “falhas”. A professora ainda comentou que talvez seja necessário chamar a mãe aluno para solicitar a ela que volte a levar o filho ao neurologista para rever a dosagem da

medicação, pois parece não estar fazendo efeito. Fato que ilustra a tendência que se observa na educação de modo geral de valorização da medicalização, sendo que a o papel da escola deveria ser buscar estratégias pedagógicas e não clínicas para o desenvolvimento na aprendizagem do aluno.

4.1.2 Formação Docente

Elencamos ainda algumas questões referentes à formação docente e se ela tem contribuído para a realização do trabalho com a criança com TDAH, além da perspectiva que têm quanto à vida acadêmica desses alunos.

Quando à formação, os cinco professores afirmaram que não tiveram contribuição da graduação no que diz respeito a como trabalhar com o aluno TDAH em sala. Nesse sentido, a formação resumiu-se a duas ou três palestras durante a graduação e uma palestra no ano 2013, oferecida pela instituição à qual estão vinculados profissionalmente, mas que foi algo breve. Todos enfatizaram que o que sabem a respeito, foi adquirido por meio da prática com esses alunos e a pesquisas quem vem fazendo em documentários, revistas, por iniciativa própria, visando ajudar seus alunos.

A última questão abordada foi em relação ao futuro desses alunos, qual a expectativa dos professores. Dentre os cinco professores, quatro, afirmaram acreditar que se os alunos se esforçarem, tiverem o apoio dos pais, terão um futuro brilhante. Um comentário que chamou a atenção foi da professora IV: *“Davi tem potencial, gosta bastante de jogos acredito que não será fácil, mas ele tem capacidade”*. A professora I, por sua vez comentou: *“Lucas se continuar medicado e com a ajuda da família, vai para frente. Já João, não sei se irá para a frente, pois a família não ajuda”*. Ou seja, o apoio da família é entendido como fundamental para que o aluno consiga progredir. Outro comentário, diferente dos anteriores, refere-se à expectativa quanto a aluna Carla: *“Baixa, infelizmente, pois aqui temos um olhar diferenciado, mas a partir do sexto ano o professor se preocupa apenas com sua disciplina”*. Deste modo, observamos que há professores que acreditam na capacidade de seus alunos com TDAH, porém existem aqueles que por mais que busquem contribuir para o aprendizado do aluno não acreditam que terão sucesso na carreira tanto acadêmica quanto profissional.

No entanto, Silva (2003 p.261) afirma que o indivíduo com TDAH tem capacidade de ter um grande futuro profissional e acadêmico, mas destaca:

Conhecer e entender o próprio comportamento é fundamental para uma mudança de perspectiva que possibilite um redirecionamento em sua vida. É importante ao TDA/H aceitar o seu modo de ser e acreditar sinceramente em seus talentos, transformando assim potencialidades criativas em atos criativos. Ele tem que adquirir confiança para buscar seu espaço nesse novo sistema de trabalho, pois para se adaptar bem a essa viagem ao futuro, é preciso levar na bagagem, junto à criatividade, a coragem e a perseverança: a coragem de errar e a perseverança de continuar tentando. É necessário que tenha um ideal firme e que creia no seu próprio sonho para torná-lo real.

Esses dados permitem acreditar que o trabalho de pais, de professores e de toda a equipe que acompanha essas crianças TDAH, pode contribuir de forma significativa para o sucesso acadêmico do aluno, mas é preciso ressaltar que não é toda criança que tem condição de acreditar em si mesma ou ainda, que pode contar com a contribuição dos pais, da escola e da sociedade.

A professora I levantou uma importante questão quando afirmou “*Essas crianças não estão tendo os recursos que necessitam, elas precisam de uma equipe especializada trabalhando junto, precisam de pais que aceitem o transtorno, psicólogo, neurologista, fonoaudiólogo, professor para dar reforço e elas não têm isso*”. Fala que demonstra que ainda há crianças com TDAH, que não dispõem do atendimento adequado e que há muito por ser feito em relação a essa população.

5. Considerações Finais

O estudo em tela teve como objetivo: explicitar a relação que o professor tem com o aluno com TDAH; as formas de atendimento ao aluno em sala; se ocorrem modificações nos planejamentos, nas aulas e, quais são; como é o convívio do aluno com os demais da classe; e, como o professor vê o rendimento e o atendimento ofertado a essa criança.

Ao longo da pesquisa, pudemos observar que o professor atualmente vem se preocupando com a qualidade do ensino oferecido ao seu aluno com TDAH, com a busca de auxílio para sua ação pedagógica junto a esses alunos, e ainda pesquisam novas possibilidades que possam contribuir com as aulas. Notamos ainda, a grande

preocupação dos professores no que se refere ao número de alunos em sala de aula e o quanto esse fato vem dificultando o trabalho do professor e a aprendizagem do aluno com TDAH.

Constatamos que os professores sentem-se em condições de distinguir um possível aluno com TDAH dos demais e a preocupação que os mesmos vêm expressando com o tratamento desses alunos. Despertou preocupação, no entanto, a crença dos professores de que a solução para o TDAH seja o uso de medicamentos, neste caso específico, o uso da ritalina. Em vários depoimentos os professores destacaram que os alunos que não estão apresentando melhora devem retornar ao médico e rever a dosagem do remédio, ao que poderíamos nos perguntar: em que consistiria essa melhora? O que realmente se espera desse aluno?

Entendemos que a medicação não seja a solução do transtorno, embora haja a defesa de que ela contribui para amenizar o quadro. Nos parece fundamental, a utilização de metodologia e recursos que permitam uma performance mais adequada no atendimento ao aluno com TDAH. Concordamos com Cordeiro (2011, p.31), quando assevera que é necessário “[...] que sejam realizados mais estudos sobre intervenções no contexto escolar de que se desenvolvam atividades que trabalhem com as necessidades desses dos alunos que possuem o transtorno [...]”, ou seja, é importante que os métodos utilizados nas escolas sejam repensados, uma vez que, esses alunos não vem recebendo a atenção necessária e que possa contribuir para o acesso ao conhecimento. Quanto à formação docente, entendemos ser necessário oferecer cursos que visem a qualificação dos professores, para o atendimento aos alunos com TDAH.

Referência

BARCKLEY, Russell A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: guia completo para pais e professores e profissionais da saúde.** Trad. Luís Sérgio Roizman – Porto Alegre: Artmed, 2002.

BELLI, Alexandra Amadio. **TDAH! E agora?** : A dificuldade da escola e da família no cuidado e no relacionamento com crianças e adolescentes portadores de Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade. São Paulo: Editora STS, 2008.

BONADIO, Rosana Aparecida Albuquerque. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica/** Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio; Nerli Nonato Robeiro Mori; Anna Maria Lunardi Padilha, prefácio. Maringá: Eduem, 2013

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. De 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm
Acesso em: 18.ago.2014

CORDEIRO, Suzy Maria Nunes. **As implicações do TDAH na aprendizagem escolar e desenvolvimento de crianças de 6 a 12 anos.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2011.

CYPEL, Saul. A criança com déficit de atenção e hiperatividade. Atualização para pais, professores e profissionais da saúde. São Paulo: Lemos, 2001.

GUSMÃO, Marília Maria Gandra. **Comportamento infantil conhecido como Hiperatividade: Consequência do mundo contemporâneo ou TDAH?** 2009. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

KAEFER, Heloisa. Avaliação psicológica no transtorno de atenção. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia. RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtorno da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed. 2006/2007.

LURIA, A.R. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. In: VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **O Desenvolvimento da Escrita na Criança.** 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006.

MATTOS, Paulo. **No Mundo da Lua: Perguntas e Respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em Crianças, Adolescentes e Adultos.** 4 ed. São Paulo: Lemos, 2005.

OLIVIER, Lou. **Distúrbios de aprendizagem e de comportamento/** Lou de Olivier. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2011.

PRADO, Helena da Silva; ANTONIUK, Sérgio; BROMBERG, Maria Cristina. **Compreendendo o TDAH.** São Paulo: s. Ed, 2003.

ROHDE, L. A. Barbosa, G. Tramontina, S. e Polanczyk, G (2000) **Transtorno de déficit de atenção/** hiperatividade. *Rev. Bras. Psiquiatr.* Vol.22 s 2. São Paulo.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issueto&pid=1516-444620000006&lng=pt&nrm=iso

Acesso em: 16.set.2014

ROTTA, N. T. et al. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2006

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Inquietas:** entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas impulsivas e hiperativas. São Paulo: Editora Gente, 2003.